

Empresas de turismo de Braga na Galiza

Um grupo de 11 empresas da área do turismo participa na 47.ª edição da Feira de Mostras do Noroeste, que decorre desde ontem em Ferrol, na Galiza. A representação é

liderada pelo Parque de Exposições de Braga e integra empresas da área do turismo, da hotelaria, da restauração, da gastronomia e dos vinhos.



NÉLSON GARRIDO

De 16 a 19 de Julho Filminho, festival de cinema para dois países

Mariana Duarte

● O Minho e a Galiza unem-se, entre 16 e 19 de Julho, num festival de cinema português e galego impulsionado pela Morraceira, uma associação cultural que promove a ligação transfronteiriça. Na segunda edição, o Filminho continua a ter como meta a divulgação, através das imagens, da continuidade linguística, geográfica e cultural entre Portugal e a Galiza. No lado de cá, os filmes serão projectados, ao ar livre, no Auditório Municipal de Cerveira; do lado de lá, no Auditório de Goyán, em Tomiño, as sessões têm lugar em ambiente fechado. O facto de o festival “decorrer em dois países” faz com que ele seja “verdadeiramente internacional”, sublinha André Martins, director do Filminho e presidente da Morraceira.

O festival conta com duas secções de competição: Grande Prémio para produções portuguesas e galegas e Cinema Minhoto para filmes com o Minho como cenário. *Entremez no Rio Minho*, de Luís Galvão Telles, será recordado na gala de abertura e as películas não serão legendadas.

Feira do Noroeste 11 empresas nacionais em Ferrol

A Feira de Mostras do Noroeste que ontem começou em Ferrol, na Galiza, vai ter a participação de um grupo de 11 empresas da área do turismo. Quem lidera a representação nacional é a Parques de Exposições de Braga, que integra empresas da área do turismo, da hotelaria, da restauração, da gastronomia e dos vinhos, constituindo uma missão empresarial que se vai juntar a um importante conjunto de expositores portugueses da área do mobiliário, que também participa na feira, embora noutro pavilhão. A feira conta com mais de centena e meia de expositores e os seus responsáveis perspectivam que o recinto receba, nos seis dias do evento, cerca de 30 mil visitantes. O programa encerra no dia 12. Entre os sectores mais representados estão o turismo e a gastronomia, a que se juntam a automação, a indústria e o artesanato.

Elisa diz que o Porto é uma cidade dividida entre ricos e pobres

José Augusto Moreira

Candidata do PS diz que a cidade está velha e dividida entre ricos e pobres. Para Elisa Ferreira, quem ache que está tudo bem representa um perigo

● Elisa Ferreira entende que o Porto não pode continuar a ser uma cidade dividida entre ricos e pobres, com condomínios privados de um lado e bairros sociais e ilhas do outro. “Temos que atacar a base social desta cidade. Todos têm que ser parte e poder dar o seu contributo para o seu renascimento”, frisou, anteontem à noite, a candidata socialista à Câmara do Porto, no decurso de um debate sobre as questões da educação, da acção social e da cultura.

Recorrendo a números, Elisa Ferreira traçou um quadro negro sobre a realidade actual do Porto, frisando que é a cidade do país que mais população tem perdido, que concentra índices cada vez mais elevados de idosos, de pobreza e de degradação urbana, em flagrante contraste com o país e a realidade que a rodeia. “Entre 2001 e 2007, o Porto perdeu uma média de 18 habitantes por dia e brevemente terá menos população que a que tinha quando foi instaurada a República”, disse. Os números mostram ainda que “mais de 34 por cento

dos habitantes vivem de pensões da Segurança Social”.

A pobreza e o envelhecimento fez com que a cidade esteja hoje “dividida entre duas metades, tendo perdido a gente que mediava entre os mais pobres e os mais ricos e cosmopolitas”, explicou ainda, para concluir pela necessidade de aplicação de políticas que criem novas dinâmicas e condições de atracção para o regresso dos jovens.

No entender de Elisa Ferreira, a solução para a mudança passa por estabelecer redes com as diversas organizações e instituições, mas é também necessário “reconhecer que



Segundo Elisa Ferreira, 34 por cento da população da cidade vive de pensões da Segurança Social

a situação é complexa e exige uma solução rápida”. Por isso, alertou, “a cidade não pode ser caracterizada como estando bem e é mesmo um perigo dizer-se que tudo está bem”.

O modelo do debate, promovido pela Fundação Spes, assenta em questões colocadas por representantes de todas as juventudes partidárias, que se concentraram em polémicas do passado como o teatro Rivoli, o projecto para a demolição das torres do Aleixo ou o financiamento ao programa Porto Feliz.

Casa da Música é Uma Casa Portuguesa a partir de hoje

● O festival Uma Casa Portuguesa, da Casa da Música, começa hoje com os Adiafa e as Segue-me à Capela, o primeiro dos nove concertos que compõem um programa com forte sotaque brasileiro. No Ano Brasil, país-tema da programação da Casa da Música em 2009, a 3.ª edição do festival Uma Casa Portuguesa cruza a música popular e tradicional de Portugal com algumas revelações da música brasileira.

O primeiro dia é dominado pela música de Portugal, com as Segue-me à Capela, sete vozes femininas que cantam, à capela, clássicos da música tradicional portuguesa, com utilização esporádica de instrumentos de percussão como o adufe, a pandeireta, as pinhas ou as castanholas. O

repertório, escolhido a partir de recólicas feitas por Michel Giacometti, Alberto Sardinha e o Grupo de Etnografia e Folclore da Academia de Coimbra (GEFAC), reparte-se pelas canções de trabalho, de amor ou religiosas.

Quanto ao grupo Adiafa, da Vidi-geira, tornou-se conhecido sobretudo pelo tema *As Meninas da Ribeira do Sado*. Fundado em 2002, este grupo, que tem como referência principal o canto alentejano, faz-se acompanhar pela viola campaniça, adufes e outros instrumentos tradicionais. Quinta-feira, os sons de Portugal partilham o palco com os do Brasil, com os Pauliteiros de Miranda na primeira parte e, na segunda, Hamilton de Holanda Quinteto, considerado uma das figuras de proa da música instrumental brasileira.

sua faceta mais alternativa

rações de amor entre portugueses e galegos”, assevera o presidente, André Martins. “Nem comboios de alta velocidade nem auto-estradas, nem qualquer outra iniciativa económica, irão ter sucesso se não assentarem primeiro numa relação cultural permanente”, acrescenta.

Progressos insuficientes

Há cada vez mais eventos culturais a tentar dar as mãos com a Galiza: o último Festival Internacional de Teatro de Expressão Ibérica (FITED) recebeu um número considerável de companhias galegas. E o festival de música OuTonalidades, promovido pela associação D’Orfeu, também tem atravessado a fronteira. Para Pedro Cadima, as associações promotoras do Eixo Norte-Galiza estão a usufruir, actualmente, de um clima favorável.

Nota-se, diz o mesmo, “um crescente esforço” por parte dos poderes locais em produzir eventos que estimulem esta ligação. “Com a chegada ao poder do Bloco Galego e do PSOE surgiu uma maior vontade de fomentar intercâmbios com Portugal”, explica Cadima, dando como

exemplo a criação da Capital Cultural da euro-região Galiza/Norte de Portugal, que este ano se instalou em Vila Nova de Gaia. Contudo, a recente mudança política em território galego - o PP derrotou o PSOE nas últimas eleições, realizadas em Março - pode vir a refrear “este processo”, receia.

Falta, contudo, um “investimento claro” por parte das instituições políticas e o “apoio das autarquias” a agentes como a AZ e a Morraceira, de modo a desenvolver uma lógica de “interacção”, refere Pedro Cadima. É preciso, também, uma revolução nas “mentalidades transfronteiriças”. “Queremos que as pessoas atravessem a fronteira não apenas para colocar gasolina, como é o caso dos portugueses em Tomiño, ou para fazer compras na feira, como é o caso dos galegos em Cerveira”, diz André Martins. Afinal, partilha-se uma história e uma língua: “Entendemo-nos lindamente se não falarmos portunhol”, sublinha Pedro Cadima. Na Galiza, não precisamos de ser estrangeiros; eles são os verdadeiros *nuestros hermanos*. **Mariana Duarte**